

Sentido oposto, ambivalência, complementaridade: Notas de leitura seguidas de um estudo semiollingüístico de *abandon**

Opposite sense, ambivalence, complementarity:
reading notes followed by a semiollingüistic study on *abandon*

Dominique Ducard

Université Paris XII – Val-de-Marne



RESUMO: Neste texto, vemos retomado o debate, agora sob a ótica culioliana, em torno do sentido antitético das palavras primitivas, reflexão originalmente formulada por Sigmund Freud e retomada, no último século, inicialmente, por Émile Benveniste, mas também por outros autores.

Palavras-chave: Sentido oposto, ambivalência, semiollingüística.

ABSTRACT: In this text we resume the debate, this time through a Culiolian optic, on the antithetic sense of primitive words, originally formulated by Sigmund Freud and initially re-discussed in the last century by Émile Benveniste, but by other authors as well.

Key words: opposite meaning, ambivalence, semiollingüistics.

Uma história de “duplo sentido antitético”

Como destaca Michel Arrivé,¹ Freud, em sua busca por um idioma primitivo que confirmasse sua descoberta de uma linguagem do inconsciente, apoiou-se em uma leitura parcial dos trabalhos do filólogo Karl Abel. O psicanalista faz referência a esses trabalhos ao longo do artigo dedicado às relações entre psicanálise e ciências humanas, em uma seção intitulada “O interesse [da psicanálise] para a ciência da linguagem”.² Insistindo nas particularidades dos modos de figuração no sonho, ele remete a muitas fontes: a propósito do simbolismo, à teoria de Sperber sobre a origem sexual da linguagem e sua evolução por “transmutação semântica”; no que diz respeito ao papel das imagens visuais, ao sistema de escrita egípcio com signos pictográficos e com determinantes de especificação; e, em relação à ausência de negação ou à ambivalência de elementos que comportam duas significações opostas, às hipóteses dos filólogos – entre os quais Karl Abel, mencionado em nota – segundo as quais “foi assim para as raízes mais antigas das línguas históricas”.³

Em 1910, Freud publica sua resenha do artigo de Abel “*Über den Gegensinn der Urworte*” (1884-1885):

“*Du sens opposé dans les mots primitifs*” [Do sentido oposto nas palavras primitivas], traduzido em 1933 para o francês por Marie Bonaparte e E. Marty.⁴ Em seu trabalho, Freud cita uma obra do mesmo autor sobre a origem da linguagem (*Ursprunge der Sprache* [1885]) assim como o Apêndice do artigo em que são apresentados exemplos de palavras com “duplo sentido antitético” nas línguas egípcia e árabe. Muito satisfeito em encontrar no estudo científico matéria para alimentar sua busca pelas origens e para confirmar suas conclusões sobre os modos de representação do sonho, Freud retoma amplamente o texto de Abel. Ele menciona um certo número de casos apresentados como exemplo, a começar por aqueles tirados da língua egípcia, na qual existiam não somente palavras com dois significados contrários: forte/fraco,

* Tradução de Gustavo de Azambuja Feix, Joice Monticelli Furtado e Paula Fernanda Malaszkievicz. Revisão de Fabíola Castro de Oliveira e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Revisão técnica de Valdir do Nascimento Flores.

¹ Arrivé M., “Quelques aspects de la réflexion de Freud sur le langage”, *La linguistique fantastique*, Joseph Clims éd., Paris: Denoël, 1985, p. 301-310.

² S. Freud, “L’intérêt de la psychanalyse” [1913], *Résultats, idées, problèmes I*, Paris: PUF, 1984.

³ *Idem*, p. 198.

⁴ Freud S., “Du sens opposé dans les mots primitifs”, *Essais de psychanalyse appliquée*, Paris, idées/Gallimard, 1973, p. 59-67.

luz/escurecimento, ordenar/obedecer, mas também palavras compostas, como velho-jovem (para dizer “jovem”), longe-perto (para dizer “perto”), ligar-separar (para dizer ligar), fora-dentro (para dizer “dentro”). Abel, citado por Freud, explica essa aparente estranheza através de um fenômeno inerente à formação do pensamento, que só pode criar seus conceitos através de contraste: uma palavra com duplo significado que, na verdade, não designa nem um, nem outro dos pares de contrários, “mas somente a relação entre os dois e a diferença que tinha criado a ambos”.⁵

Como observa Arrivé, Freud passa rapidamente por cima da precisão dada por Abel para explicar de que maneira as ambiguidades são eliminadas na escrita egípcia hieroglífica, maneira essa muito rapidamente assimilada à língua: a anotação na escrita de determinativos pictográficos, os quais têm um papel de complemento semântico e permitem selecionar uma das significações do signo ao qual estão associados. Alguns desses determinativos correspondem a gestos, que teriam tido, segundo Abel, um papel similar de especificação na língua falada. Os autores não especificam que existem também complementos fonéticos, frequentemente redundantes, em um sistema com múltiplos homófonos e polissêmicos. A distinção entre palavras seguiria, posteriormente, outro caminho: o da dissimilação fonética e da criação de formas duplas.

Freud segue de perto o passo do filólogo para estender a pesquisa ao latim, ao alemão e ao inglês, nos quais os “vestígios” da língua primitiva não seriam raros. O mesmo vale para o que diz respeito a outro fenômeno de inversão, não mais através do significado, mas do significante: a metátese, utilizada como procedimento de diferenciação do que era originariamente dois em um. O argumento por analogia é surpreendente: “Suponhamos, diz Abel, que a palavra alemã *gut* (bom) seja egípcia, ela poderia ao lado de ‘bom’ significar também ‘ruim’ e, se pronunciar tanto *gut* quanto *tug*”.⁶ Passemos esse ponto, que mereceria um desenvolvimento em si, para apresentar a conclusão de Freud:

A concordância entre as particularidades da elaboração do sonho e do uso linguístico que destacamos no início desse artigo, descobertas pelo filólogo nas línguas mais antigas, parece-nos uma confirmação da concepção que fizemos da expressão do pensamento no sonho, segundo a qual essa expressão teria um caráter regressivo, arcaico. A idéia é então imposta a nós, psiquiatras, que compreenderíamos melhor e traduziríamos com mais facilidade a linguagem do sonho se estivéssemos mais informados sobre a evolução da linguagem.⁷

Para Freud, o retorno às origens se dá em um paradigma da oposição que cobre toda a elaboração teórica que ele faz da vida psíquica dos indivíduos. Retenhamos

a idéia de uma polarização nas representações, que se manifesta através da conjunção do mesmo e do outro.

Lacan, atento em examinar o que ele chama de “cristal da língua”, concentrou-se nos jogos do significante na estruturação psíquica do sujeito. Foi assim que ele pediu a Benveniste uma contribuição sobre essa intrigante questão do sentido oposto. Esta deu origem a um artigo intitulado “*Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne*” [Notas sobre a função da linguagem na descoberta freudiana], em 1956, no primeiro número da revista *La Psychanalyse*.⁸ Lacan, decepcionado, pôde apenas constatar a “incapacidade do linguista” em corresponder a sua expectativa.⁹ Benveniste, convicto em seu discurso universitário, podia apenas fugir do que o analista aponta e recorrer à exibição da lei da arbitrariedade.

Em seu artigo, Benveniste começa distinguindo o campo de investigação da psicanálise, na busca por “relações de motivação” entre fatos, e não por causalidade como nas ciências da natureza. O linguista afirma que a técnica analítica é uma técnica da linguagem, mas destaca que a “linguagem” que se manifesta na exploração do inconsciente tem suas particularidades. Ele vai então retomar o questionamento de Freud sobre as pistas nas formas da linguagem – seria preciso dizer “nas formas das línguas” – desses processos descobertos pela psicanálise. A demonstração do linguista, que nos parece então um comparatista positivista, preocupado com datações exatas e comparações históricas e tipológicas autênticas, faz questão de negar imediatamente qualquer pertinência das “provas alegadas por Abel”. Ele vai, assim, refutar os casos de duplo sentido usados como exemplo pelo filólogo e lembrar no final que a configuração do mundo – que é uma língua, sempre específica – tem sua ordem interna própria, não admitindo as relações de contradição, e que sua organização semântica é sistemática. É, sobretudo, ao lado do mito, da criação poética e do estilo, que seria conveniente então “buscar essa suspensão do sentido que o sonho projeta em nossas atividades”.¹⁰ O componente estilístico do discurso, sustentado por elos de motivação entre formas de expressão e subjetividade, corresponde ao simbólico do inconsciente, simbólico esse que se manifesta na figura de uma “verdadeira retórica”.

A delimitação do sentido

Jean-Claude Milner fez um estudo preciso das relações estabelecidas entre os textos de Abel, de Freud

⁵ Abel, citado por Freud, *op. cit.*, p. 63.

⁶ *Idem*, p. 66.

⁷ *Idem*, p. 67.

⁸ Em *Problèmes de linguistique générale 1*, Paris: Tel Gallimard, 1966, p. 75-87.

⁹ Ver J. Lacan, *Radiophonie* (1970), retomado em *Autres écrits*, Paris: Seuil, 2001, p. 403-447.

¹⁰ Benveniste, *op. cit.*, p. 83.

e de Benveniste, interessando-se mais particularmente no par Abel–Benveniste, inicialmente no volume de *La linguistique fantastique* já mencionado e posteriormente acrescentando a seu artigo uma “Nota adicional”.¹¹ Deslocando a ênfase no caráter indedutível da significação frente ao problema da antítese em certas palavras da língua ou nos elementos de figuração do sonho, Milner define a posição de Benveniste nesses termos: “a linguística não deve se envolver com uma instância externa à língua”¹² e a língua, segundo a definição de Saussure, é antes de mais nada um sistema de diferenças. Benveniste teria, assim, sido impedido de ver a problemática levantada por Abel, mesmo que admitamos a inexatidão dos dados e os erros de interpretação.

Benveniste retifica Abel sobre a palavra latina *sacer* que remete tanto ao ‘sagrado’ quanto ao ‘impuro’ pela razão que os dois valores são culturais e, Milner acrescenta, dependem da referência (*Bedeutung* de Frege). Convém voltar para o terreno do sentido (*Sinn*) como “pura posição de um limite”: “toda palavra que designa o limite entre duas áreas será uma palavra “desdobrada”. Um limite pode ser abordado por um lado ou por outro e, por menos que os dois lados sejam concebidos como opostos, a dupla possibilidade será realizada em *Gegensinn*”.¹³ Milner dá alguns exemplos, sendo os mais notáveis tirados de outros trabalhos do próprio Benveniste: a raiz *dô-* que significa ‘*donner*’¹⁴ [dar] nas línguas indo-europeias exceto em hitita, em que ela significa ‘*prendre*’ [tomar] (*Don et échange dans le vocabulaire indo-européen*, PLG, p. 315-326); o grego *aidôs* que designa a vergonha e a honra (*Noms d’agent et Noms d’action en indo-européen*, p. 79 sq). A conclusão é que Benveniste, de quem ele cita declarações quase abelianas, é a imagem invertida de Abel: este mostra o indiscernível na língua através de um discernimento externo, aquele mantém através de um discernimento interno as distinções na língua e lança o indiscernível para fora dela.

Na “Nota adicional” de 2001 Milner, para quem o problema continua o mesmo, dá vários exemplos dessa “oscilação” entre direções contrárias: o emprego negativo do prefixo *dé-* em *démultiplier* (reduzir a velocidade) e o emprego corrente do verbo para a intensificação, por analogia com *dédoubler*. Notemos *en passant* que o *Grand Larousse de la langue française* aponta dois significados aparentemente opostos para esse último verbo, dentre os quais ele nos diz que o mais comum é “repartir em dois”. Nele encontramos, na verdade, as duas definições seguintes, com subdivisões: “1. 1. Desfazer o que é duplo, formando um todo de duas metades. (Raro). *Dédoubler les rangs d’une colonne* [Desdobrar as fileiras de uma coluna] diminuir pela metade o número dessas fileiras agrupando-as duas a duas. 2. Desdobrar o que está dobrado em dois; *Dédoubler une feuille de papier*. [Desdobrar uma folha de papel] 3. Dividir em dois, formar

dois todos a partir de uma unidade: *Dédoubler une classe* [desdobrar um casaco] (...). Especialmente. *Dédoubler un train*. [fazer baldeação de um trem] II. Retirar as dobras de uma roupa: *Dédoubler un manteau*” [desamassar um casaco].¹⁵ Pode-se sempre remeter a seus usos ou dizer que o prefixo *dé-* (do latim *dis-*) tem por um lado valor de separação, de privação ou de ação inversa e por outro um valor intensivo, o que é uma maneira de voltar aos usos. Nas duas significações que parecem inversas vemos que se trata, na verdade, de fazer um todo com duas unidades de mesma ordem ou de fazer duas unidades com um todo separável. Reduz-se pela divisão o que é concebido como duplo: fazer de duas fileiras uma única, para passar de 10 a 5, ou fazer dois meios grupos ou grupos com efetivo menor de um grupo inteiro ou fazer uma única folha de duas folhas. Em todos os casos, tem-se um “em dobro” que se trata de des-dobrar como se quiser.

Nessa mesma nota, Milner volta ao par *arriscar sua vida/arriscar a morte*: colocar em jogo e temer perder o que se teve ou colocar em jogo e temer o que não se tem, que ele apresentara como uma “sinonímia por vias inversas”. Ele se dedica à análise das propriedades semânticas do verbo *risquer* [arriscar], que ele divide em dois usos: “(A) o sujeito arrisca perder um objeto já existente, que ele possui diretamente ou do qual ele tem controle indireto; (B) o sujeito corre o risco de se encontrar implicado em um processo ainda por vir, no qual ele ainda não está implicado”,¹⁶ e ele destaca o valor distintivo do possessivo e a relação sujeito-objeto em A oposta ao processo em B. Não parece que se possa fazer desse par de expressões um exemplo de *Gegensinn*. Um risco corrido por alguém é um acontecimento antecipado e nocivo, que envolve, portanto, o tempo e o bem próprio, a diferença dependendo da maneira pela qual pensamos nossa existência de seres vivos ou mortais.

Seria possível seguir a pesquisa com a interpelação ao linguista, feita novamente por Lacan em seu seminário sobre *A carta roubada*, conto de Edgar Allan Poe. Ele diz, em seu comentário, a respeito do detetive Dupin: “*Dépistons donc sa foulée là ou elle nous dépiste*” [Descubramos, portanto, sua loucura onde ela nos despista].¹⁷ Perseverante em seu questionamento sobre o “sentido oposto”, Lacan sinaliza ao leitor que “*dépister*” se emprega tão bem para a caça que se busca encontrar a pegada seguindo sua pista quanto para a caça que faz com que os cães, que a perseguem, percam suas pegadas, sua pista. Ele

¹¹ J.-Cl. Milner, “Sens opposés et noms indiscernables: Abel comme refoulé d’E. Benveniste”, *Le périple structural*, Paris: Seuil, 2002, p. 65-85.

¹² *Idem*, p. 70.

¹³ *Idem*, p. 73.

¹⁴ Devido aos diferentes parâmetros que as palavras em francês e em português possuem, optamos pela conservação de certos vocábulos na língua original, apresentando sua respectiva tradução entre colchetes. [N.T.]

¹⁵ *Grand Larousse de langue française*, Paris: Librairie Larousse, 1971.

¹⁶ *Op. cit.*, p. 80.

¹⁷ Le séminaire sur “La lettre volée”, *Écrits I*, Paris: Points Seuil, p. 31.

insiste, lembrando em nota: “Gostaríamos de recolocar ao Sr. Benveniste a questão do sentido antinômico de certas palavras, primitivas ou não, após a magistral retificação que ele trouxe à falsa via por onde Freud a fez enveredar no terreno filológico (cf. *La Psychanalyse*, v. 1, p. 5-16). Pois parece-nos que essa questão permanece intacta destacando em seu rigor a instância do significante. Bloch e Von Wartburg datam de 1875 o aparecimento do verbo *dépister* [despistar; descobrir] no segundo emprego que dele fazemos em nossa frase”.¹⁸

Paremos um instante nesse exemplo exibido por Lacan. O que a palavra *piste*[pista] induz pode se representar como um caminho que conduz de um ponto a outro, com um acesso possível, uma distância e, eventualmente, uma orientação entre os dois pontos. Se os dois pontos são móveis, com um seguidor e um seguido como o predador e sua presa, *pister* [seguir a pista] consiste em estabelecer, para o *pisteur* [aquele que segue a pista], o caminho de acessibilidade ao *pisté* [aquele que é seguido], com a ajuda de indícios, de traços perceptíveis descontínuos (dizemos que seguimos as marcas, que todo erro de atenção ou de interpretação pode causar a perda). *Dé-pister* [despistar] seria, então, anular a descontinuidade. Se o agente seguidor imagina esse caminho como uma sequência de pontos em descontinuidade (uma linha contínua que pode ser definida como uma sequência de pontos contíguos), compreende-se que sua intenção seja a de *dépister* ou seja, de reduzir o que é obstáculo para a continuidade. Se o agente seguido imagina esse caminho do ponto de vista dessa continuidade, o perigo existe para a presa, compreende-se que sua intenção seja a de anulá-lo pela distância, apagando as marcas ou enganando o seguidor com uma pista falsa. É uma outra maneira de *dépister*. Em um caso anulam-se os espaços, os buracos e as lacunas, em outro, anulam-se as marcas plenas, os indícios perceptíveis, por mais que não se admita a imagem de uma linha pontilhada. Segundo Milner, podemos aceitar a explicação de uma “posição de limite” no processo (*dé*) *pister* [(des)pistar], com as duas vertentes opostas que são a continuidade e a descontinuidade, a contiguidade e a separação. Devemos, de qualquer maneira, pensar a noção *pister-dépister* [seguir a pista-despistar] como um complexo de idéias levando em conta uma relação agente-agido, uma via de acesso descontínua, uma distância, uma visão teleonômica, a ser colocada em relação a sistemas de representação que dependem da experiência e da prática. Essa abordagem é a da teoria de Antoine Culioli, cuja concepção enunciativa da atividade significativa da linguagem se situa em uma perspectiva antropológica e cultural.

O domínio da noção

Retomemos inicialmente a definição da linguística segundo Culioli: o estudo da linguagem através da diversidade das línguas, dos textos e das situações.

Mais precisamente, trata-se de compreender a atividade significativa da linguagem, modo específico de atividade simbólica de representação, em uma ou várias línguas, a partir dos textos, ou seja, as sequências fônicas ou gráficas que são os traços materiais dessa atividade. Para apreender que elas são as operações constitutivas dessa atividade, o linguista deve se munir de um método e de uma aparelhagem teórica que lhe permita construir uma simulação do que não está acessível diretamente. Obtemos, então, uma pirâmide de três andares, que correspondem a três níveis de representação: 1. as representações de ordem nocional; 2. as representações linguísticas, 3. o sistema de representação metalinguística.

A *noção*, que não é de ordem linguística, mas linguageira, é o representante metalinguístico do que designamos como representações mentais. O nível nocional, diz Culioli, é “aquele de nossas representações mentais, ligadas a nossa atividade cognitiva e afetiva, quer se trate de nossa atividade sensório-motora no mundo físico ou de nossas elaborações culturais”.¹⁹ E as noções são consideradas como “sistemas complexos de representações construídas sobre conjuntos estruturados de propriedades físico-culturais”.²⁰ Essas propriedades, de algum modo filtradas e trefiladas pela língua, estão organizadas segundo operações de construção de domínios nocionais. As operações primitivas de construção de um domínio nocional são aquelas que fazem com que, a partir da observação de fenômenos e de procedimentos de abstração, reagrupemos ocorrências de acontecimentos ou de objetos em um domínio – uma classe de ocorrências – centrada em torno de um “centro organizador” ou “centro atrator”. A partir, portanto, das propriedades e dos valores atribuídos a um objeto, o sujeito enunciador pode conduzir este a um valor prototípico, um modelo, avaliar seu grau de conformidade com o centro, delimitar um espaço topológico de avaliação com uma fronteira e com um gradiente para se orientar nesse espaço. Um domínio construído se sistematiza segundo o seguinte modelo, a ser tomado com uma “ferramenta geral”:

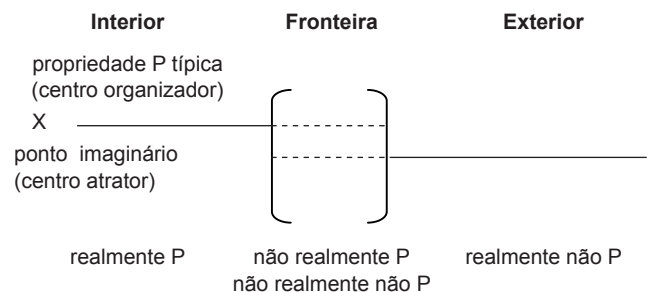


Figura 1. Esquema da construção de um domínio nocional

¹⁸ *Idem*, nota 7 p. 31.

¹⁹ “Les modalités d’expression de la temporalité sont-elles révélatrices de spécificités culturelles?” *Interfaces* n. 5, Le temps, CRDP, 1193, p. 10.

²⁰ “Linguistique du discours sur la linguistique”, *Revue Philosophique*, PUF, n. 4, p. 487, 1978.

O domínio de uma noção compreende a zona interior e seu complemento, formado pela zona exterior e pela fronteira. A operação fundamental, que depende da contração a partir de um organizador, é a da identificação, diferenciação e alteração, que origina esse sistema Interior/Fronteira/Exterior com o “não identificável em qualquer medida que seja” e o “absolutamente não identificável”. Essa operação de delimitação baseada na medida, essencial para a atividade de linguagem, é atestada por marcadores morfossintáticos variados.²¹

O conceito de *marcador* vem aqui designar formas linguísticas, de nível 2, que são correlativas às noções de nível 1. Os representantes linguísticos são os traços materiais textuais das representações e das operações da passagem de 1 para 2. O linguista considera então, esses representantes como os mediadores do que está inacessível e “(...) o termo *marcador*, especifica Culioli, remete à *indicação perceptível de operações mentais*, que fazem passar do nível 1, do qual nós temos apenas a marca, ao nível II que é, precisamente, o local onde se agenciam as marcas sob forma de enunciados”.²² Ele é, ainda, definido como “uma espécie de resumo, de concentrado de procedimentos que *desencadeiam e ativam representações*”.²³ A tarefa do linguista também é a de “meta-representar graças a meta-operações as operações das quais esses marcadores são os representantes”.²⁴

Segundo esse ponto de vista “as palavras são espécies de *captadores* do ponto de vista da significação”,²⁵ pela apreensão parcial das representações nocionais. Não há relação termo a termo, mas flutuação e imprecisão. Um captador, em sua acepção técnico-científica, é um dispositivo que assegura a conversão de uma grandeza física em uma outra grandeza física (por exemplo, por um captador solar, a conversão da energia solar em energia elétrica ou térmica). Notemos, *en passant*, que a palavra *sensor* é, por vezes, dada como um equivalente. De *captador de sentido*, a palavra se torna esse marcador que é um desencadeador de representações, o que chamamos comumente de um *clique*.

O caso de *abandon*

A palavra me foi sugerida, em sua relação com a questão da antítese, por uma reflexão de Pascal Quignard que responde à questão “a escrita nasce de um *abandon*” [*abandono*]. Ele fala disso como de uma palavra de múltiplos sentidos e mesmo contraditórios, “e que, devido a isso, diz respeito à ambivalência própria do mundo pré-linguístico. Uma mulher *abandonnée* [*abandonada*] pode ser uma mulher no ápice da felicidade ou pode ser uma mulher exposta à mais violenta separação. A palavra *abandon* tem, além disso, uma etimologia extraordinariamente difícil e rica. Talvez *abandon* seja uma palavra muito profunda. Talvez *abandon* seja uma palavra que não quer dizer nada”.²⁶

Observemos que se uma mulher se aconchega nos braços de seu amante com *abandon*, ela não poderia ser vista como uma mulher à *l'abandon* [ao abandono]. Mas talvez isso não seja tão evidente. Uma partilha dupla já está feita entre o *abandonnant* [abandonante/abandonador] e o *abandonné* [abandonado] na medida em que um ou outro é um ser vivo para quem se atribui intenções, sentimentos e afetos ou ainda um objeto material, ambos podendo ser da primeira categoria, não da segunda. Segunda observação: que uma mulher possa *s'abandonner* [entregar-se] ao desespero como ao mais vivo prazer não faz do verbo *abandonner* uma palavra antitética. Isso indica que o domínio nocional que recobre esse verbo pode ter dois co-domínios de orientação inversa, segundo uma propriedade de ordem afetiva. Entretanto, temos nós relação com um sujeito humano ativo-passivo ou com a força de um sentimento completamente poderoso e irresistível? Parece, em todo caso, que há uma modalidade do poder ou do querer em jogo entre os dois argumentos ou actantes da relação estabelecida pelo predicado *abandon*.

Partamos de alguma coisa mais simples. Qual pode ser o objeto de um ato de *abandon* feito por um ser humano? Posso *abandonner* [deixar] intencionalmente minhas bagagens em uma estação de trem (elas poderiam ser tomadas por objetos suspeitos e destruídas), *abandonner* [deixar] um livro em um local que indicarei na internet aos adeptos desse tipo de troca, *abandonner* [deixar] meu cachorro na estrada saindo de férias, sem falar em *abandonner* [deixar] as crianças, a família, o domicílio conjugal ou ainda meu cargo no trabalho, *abandonner* [deixar] qualquer projeto e meu modo de vida atual. Posso, também, decidir *abandonner* [doar] meus órgãos para a ciência após a morte, há um procedimento para isso. De maneira mais limitada, a ruptura poderia dizer respeito ao fato de *abandonner* [abandonar] o esporte, a competição, um combate, perdido de antemão ou não, que esse ato seja julgado como um sinal de coragem ou de fraqueza, segundo as normas de apreciação. Diríamos, sobretudo, que se largue o cigarro ou o álcool. Assim, como se tratasse de um objeto material, de um ser animado, de uma atividade ou de um processo, o objeto de *abandon* é próprio a um sujeito envolvido, implicado. De maneira

²¹ Entre os exemplos dados por Culioli, citamos as variações em torno do predicado /ser presidente/: “ele é presidente, isso o que nós chamamos de presidente”; “ele é presidente, no máximo”; “ele é presidente, nada mais”; “ele é presidente, nem mais, nem menos”; “ele não é presidente de fato”, etc.

²² *Pour une linguistique de l'énonciation. Formalisation et opérations de repérage*, Tome 2, Paris, Ophrys, 1999, p. 162.

²³ *Variations sur la linguistique, Entretiens avec Frédéric Fau*, Paris, Klincksieck, 2002, p. 172.

²⁴ *Notes du séminaire de DEA 1983-1984*, Université Paris 7, Département de recherches linguistiques, Poitiers, 1985, p. 17.

²⁵ *Idem*, p. 21.

²⁶ *Pascal Quignard le solitaire. Pascal Quignard: rencontre avec Chantal Lapeyre-Demaison*, Paris: Le Flohic éditeur, 2001, p. 86-87.

geral, pode-se dizer que *on abandonne* [abandona-se] seus bens, seu corpo, sua alma, seu ser, que são tomados no “fluxo das vivências temporais”, para falar como um fenomenólogo. Posso, ainda, *abandonner* o que não me pertence, com a condição de ele me estar apropriado, ainda que temporariamente.

Digamos que o predicado *abandon* é um marcador de “termo”. Essa palavra é utilizada na glosa, segundo a terminologia de Culioli, para dizer que há parada, interrupção. O que parece distinguir a noção representada por esse marcador entre outros, que indicariam também um termo, é a concepção do sujeito no espaço-tempo. O sujeito está, conforme um sistema geral, duplamente posicionado: ator envolvido em um movimento, ponto móvel, ou observador, ponto fixo, de onde espera para ver o que acontece.

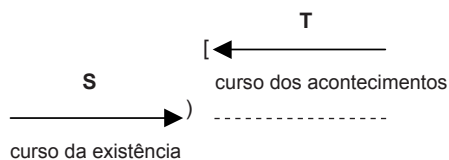


Figura 2. Esquema 2. Sistema S/T

No primeiro caso o envolvimento do sujeito é prevalente, no segundo é o espaço-tempo: o ad-*vir*. Para ilustrar cada uma dessas duas posições, na primeira teríamos “vamos ver o que vamos ver”, na segunda “vamos ver”. No ato de *abandon* o sujeito se desprende de sua relação com um objeto (aqui no sentido abstrato) situando-se fora do espaço-tempo dos acontecimentos em sua relação com esse objeto. Podemos ver em tudo isso um caso particular do sistema da bifurcação, com um ponto de escape (“advenha que será possível”).

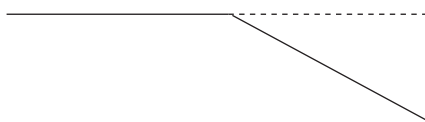


Figura 3. Esquema da Bifurcação

O objeto será abandonado a si mesmo, a seu próprio devir no tempo; o projeto, ou a ideia, encontrará seu fim nesse instante decisivo ou até mesmo será assumido por outros; a atividade terá eventualmente continuidade sem o sujeito. Cruzando os dois sistemas anteriores obtemos uma primeira forma sistemática da noção.

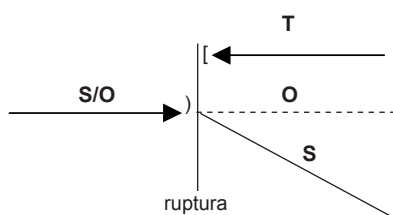


Figura 4. Forma sistemática da noção *abandon*

Alguma capacidade imaginária pode sempre ser evocada para pensar o que advem: o *hasard* [acaso] (árabe *az-zahr*: o dado; em espanhol *azar*) ou a *chance* [sorte] (do latim vulgar *cadencia*, de *cadere*: cair), o *destin* (o *fatum*) ou a *providence* (do latim *providentia*, de *providere*: prover), ou ainda essa capacidade de “resiliência” (Cyrulnik) do ser humano. O *abandon* poderá ser, conforme as circunstâncias e as filosofias de vida, interpretado como um sinal de incapacidade e de fraqueza ou como um gesto de suprema liberdade.

Nosso pensamento consciente e refletido nos permite representar a vida bio-fisicopsíquica por uma divisão e uma separação em componentes ou instâncias. É por isso que posso dizer que a coragem me abandona, na medida em que o objeto é da ordem da interioridade e que o sujeito é por desdobramento, ativo-passivo. Parece impossível dizer que abandono a coragem à medida que posso ter abandonado toda esperança e que o aviso inscrito na porta do Inferno, na Divina Comédia de Dante, diz, em uma tradução francesa: “*Abandonnez toute espérance, vous qui entrez*” [Abandonai toda a esperança, vós que entrai]. Além do mais, não parece impossível que a esperança nos abandone. Força moral para “*courage*” [coragem], modalidade do querer ou do poder crer para “*espoir*” e “*espérance*” [esperança]. Conviria, naturalmente, passar em revista os predicados subjetivos compatíveis ou não com o operador “*abandonner*”, levando em conta o lugar ocupado na relação predicativa e a determinação nominal. No entanto, podemos admitir a introdução de uma força atuante em uma relação agente-agido com um sujeito ativo-passivo.

O que acontece então com a forma reflexiva do verbo “*s’abandonner*”, quer seja na falta de alegria, sobre o aumento do sofrimento moral ou em uma transfiguração mística? Na dupla construção transitiva, é preciso levar em conta a preposição “*à*”, localizador que é o marcador de um objetivo, uma direção: *s’abandonner au plaisir* [se entregar ao prazer], *à la tristesse* [à tristeza], *au désespoir* [ao desespero], *à un élan dont les qualifications peuvent être diverses (patriotique, de tendresse, d’enthousiasme, de générosité, de foi, ...)* [a um elã cujas qualificações podem ser diversas (patriótica, de ternura, de entusiasmo, de generosidade, de fé etc.)]. Tantos estados subjetivos cujo sujeito é o centro por mudança de disposição interna. A forma refletida indica essa mudança. Encontram-se muitos exemplos de emprego sem complementação: “*Après avoir longtemps résisté, il s’est finalement abandonné et s’est endormi*”²⁷ [Depois de ter resistido por muito tempo, ele finalmente abandonou-se/entregou-se e adormeceu] mas haverá também “*s’abandonner au sommeil*” [abandonar-se/entregar-se ao sono]. O famoso exemplo retirado de Flaubert é conhecido: “*Se cachant la figure,*

²⁷ Citação do dicionário *Le Petit Robert*.

elle s'abandonna.” [Escondendo o rosto, ela se abandonou/ entregou-se], em que o pudor cede ao desejo.

Estes usos não modificam a forma sistemática, eles fazem com que a interpretemos de uma maneira diferente, no sentido de uma força atuante interiorizada por um sujeito agente-agido que se torna, em um processo interno, o objeto do *abandon*. A ruptura é ao mesmo tempo fechada e aberta; fechada para um primeiro estado do sujeito, aberta para um segundo estado. Uma paráfrase possível seria “*se laisser aller à un mouvement intérieur*” [deixar-se ir a um movimento interior], “*laisser*” [deixar] significando “*ne rien faire pour que ne pas*” [nada fazer para não], o que não deixa de evocar o “*I would prefer not to*” de Bartelby, personagem literário de Melville que se tornou o modelo da renúncia por suspensão de toda ação voluntária.

Lembremo-nos que Quignard nos convidou a olhar para a etimologia. Se nós nos arriscamos a fazer, sob o olhar reprovador de Saussure, o que este chama de morfologia retrospectiva ou etimológica, a palavra se decompõe aparentemente em elementos com a-ban-don. Émile Littré, em seu *Dictionnaire de la langue française*,²⁸ começa seu artigo dizendo: “*On verra à l'Étymologie quelle est la série réelle des significations*” [Veremos na Etimologia qual é a série real das significações]; e o termina declarando: “*Par les exemples historiques on voit que abandon est un mot composé de à et bandon. Bandon en vieux français et en provençal, signifie permission, autorisation, décret ; il répond à un mot bas-latin bando, bandonis, de même signification que bandum, band en danois, bannen en allemand, ordre, prescription; et en définitive c'est simplement une autre forme de notre mot ban. Dès lors on voit la série des significations: mettre à bandon, c'est mettre à permission, à autorité; c'est donc remettre, céder; confier, laisser aller et finalement délaisser*” [Pelos exemplos históricos vemos que *abandon* é uma palavra composta de *à* e *bandon*. *Bandon* em francês antigo e em provençal significa permissão, autorização, decreto; ele corresponde a uma palavra do latim vulgar *bando*, *bandonis*, de mesma significação que *bandum*, *band* em dinamarquês, *banne* em alemão, ordem, prescrição; enfim trata-se, simplesmente, de uma outra forma de nossa palavra *ban*. Consequentemente vemos a série de significações: *mettre à bandon* é pedir permissão, autorização; portanto é *remettre* [entregar], *céder* [ceder], *confier* [confiar], *laisser aller* [deixar ir] e finalmente *délaisser* [abandonar]]. O dicionário *Le Robert*²⁹ nos mostra que a palavra é “identificada” no século XII, mas que é provavelmente anterior, que ela se desenvolve a partir de “*mettre à bandon*”, que significa “colocar em poder de...”, de origem germânica, e remete ao frâncico *bannjan*: banir e *bandjan*: fazer sinal. A definição proposta é “*Action de renoncer à une chose en la mettant au pouvoir de quelqu'un, mais*

l'idée de 'laisser' a prévalu” [Ação de renunciar a uma coisa colocando-a em poder de alguém, mas a idéia de “*laisser*” [deixar] prevaleceu] Evidenciamos usos ativos (século XII, *faire bandon de*: disposição de uma coisa) e passivos na Idade Média, bem como um uso mais tardio com pessoas (segunda metade do século XVII). Quanto à “*abandonner*”, o primeiro exemplo conhecido seria aquele da *Canção de Rolando* (1080) e sua origem provável seria a *ban donner*: dar banimento. Nina Catach, em seu *Dictionnaire historique de l'orthographe française*,³⁰ explica que *abandonner*, atestado antes de *abandon*, é formado por lexicalização de *a ban donner*: “deixar ir ao banimento”, “permitir, dar a liberdade”, e que, nesse caso, *abandon* poderia ser uma *réfection* [modificação de uma forma linguística normal proveniente da evolução normal, segundo a etimologia], sob a influência do verbo *abandonner*, de *à bandon*, derivado de *ban*, e que o encontramos em uma forma normanda “*cela est en bandon*” (em uma pastagem): “colocado a disposição de todos”, depois “deixado a quem quiser pegá-lo”.

Embora essas reconstituições sejam por vezes arriscadas, lembremos que a formação histórica de uma palavra não deve ser excluída da investigação e que tal formação faz parte, com a glosa especializada que é um artigo de dicionário, da elaboração de um comentário e de um sistema de inteligibilidade da construção do sentido, sobre um determinado problema.

Afastar-me-ei ainda mais dos caminhos balizados do estudo linguístico acrescentando que outros discursos, de natureza diversa, podem ser evocados para desenvolver o questionamento. Contentar-me-ei em citar uma observação de Roland Barthes – que nos relançaria, se pudéssemos desenvolvê-la, para a via da dupla orientação e da oposição – a respeito da palavra *Acédie* (*Akèdia* em grego), a qual ele recorre em sua pesquisa semiológica em *Comment vivre ensemble*:³¹

Akèdia: prostração <*kèdeuô*: cuidar de, se ocupar com, se interessar por. Daí os contrários: *akèdéô*: não se preocupar com (é a perda do investimento); *akèdèstos*: abandonado; *akèdes*: negligente, negligenciado. É preciso observar a permutação do ativo e do passivo. Abandonar (o objeto investido) = ser abandonado (ativo = passivo; traço da lógica do afeto: ‘*Un enfant est battu*’ [uma criança é maltratada]). Em *l'akèdia*, eu sou o objeto e o sujeito do *abandon*: daí a sensação de bloqueio, de armadilha, de impasse.³²

²⁸ Émile Littré, *Dictionnaire de la langue française*, Paris: Gallimard-Hachette, éd., 1968.

²⁹ *Dictionnaire historique de la langue française*, A. Rey dir., Paris, 1992.

³⁰ Nina Catach dir., *Dictionnaire historique de l'orthographe française*, Paris: Larousse, 1995.

³¹ Roland Barthes, *Comment vivre ensemble. Cours et séminaires au Collège de France (1976-1977)*, Paris: traces écrites, Seuil IMEC, 2002.

³² p. 54.

O texto escrito da aula de Barthes é complementado por uma nota que menciona esta precisão falada: “É preciso observar aqui a permutação do ativo e do passivo; pois abandonar o objeto investido, por exemplo a ascese, equivale a ser abandonado. No momento em que o ativo equivale ao passivo, temos certeza de que há traço de uma lógica do afeto. É preciso remeter a toda análise freudiana do fantasma *Un enfant est battu*”. Eis quem nos faria retornar para a pista tomada inicialmente. O princípio heurístico do que poderia então ser considerado vagabundagem é que o discurso científico ou filosófico, na mesma medida que o texto literário ou o discurso do senso comum, pode ser considerado como um tipo de glosa cuja interpretação nos ajuda a compreender a atividade significativa da linguagem.

Conviria então abrir, como podia tê-lo feito Barthes, um dossiê sobre a *acedia* dos monges místicos da Idade Média, ou ainda prolongar a investigação, interessando-se pelas diferentes formas da noção *abandon*, através dos textos de línguas diversas, em outras tradições (zen budismo, por exemplo), para estudar neles as variações linguísticas e culturais e, talvez, para entrever o que seria uma invariante antropológica.

Um discurso recente de J.-P. Raffarin, primeiro ministro, no exercício de sua função de chefe da campanha em favor do ‘sim’ ao referendo francês sobre o projeto de Constituição Européia, nos permitirá concluir por um caso de uso da palavra com fins de persuasão, ou antes de dissuasão. Em seu discurso de início de campanha, em Lyon, dia 30 de março de 2005, uma quarta-feira, o político, em uma argumentação que se apoiava sobre os símbolos da nação e os valores patrióticos, acusou os adeptos do ‘não’: “Veja a extrema esquerda, a extrema direita, elas se parecem. (...) Aqueles que votam ‘não’ estão insatisfeitos com a Europa, mas votando ‘não’, eles protegem a Europa com que estão insatisfeitos. (...) Eles são conservadores”. Em seguida ele conduz a incriminação nestes termos: “Se nós abandonamos uma etapa, acredito que abandonamos a corrida. Aqueles que afirmam [o contrário] são mentirosos. Sempre haverá sobre seus ombros a palavra ‘abandon’. Todos aqueles que olharem para você o olharão como alguém que abandonou”.³³

A infâmia é, portanto, proferida para aqueles que, rotulados por um dedo acusador, se desengajariam, devido a suas opiniões, do projeto comunitário: o *abandon* conduz a um banimento da sociedade. Não sabemos qual impressão passa a máxima pessoal (frase 1 do último trecho citado) depois da asserção da fala autêntica contra os outros (frase 2), endereçada a um interlocutor ausente, curiosamente usando vestes bizarras, e ao julgamento profético da condenação, que não está dispensado de uma dupla orientação: o olhar para aquele que abandona ou o olhar para o abandonado?

Deixemos, para concluir, a última palavra a Pascal Quignard que, destacando a ambivalência dos sentimentos, declara: “nada na linguagem está isento da relação que se opõe a ela mesma e que é linguagem. Todo meu simples modo de pensar, de forma alguma pessoal, diretamente herdado da *antagonisation propre aux langues naturelles, ne disjoignant jamais la relation* [antagonização própria às línguas naturais, que nunca separa a relação], se resume a isto: *conserver la tension entre les pôles linguistiques* [conservar a tensão entre os pólos linguísticos]”.³⁴

Referências

- ARRIVE, M. Quelques aspects de la réflexion de Freud sur le langage. In: CLIMS, Joseph (Éd.). *La linguistique fantastique*. Paris: Denoël, 1985. p. 301-310.
- BARTHES, R. *Comment vivre ensemble. Cours et séminaires au Collège de France (1976-1977)*. Paris: traces écrites, Seuil IMEC, 2002.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris: Tel Gallimard, 1966.
- CATACH, N. (Dir.). *Dictionnaire historique de la langue française*. Paris: Larousse, 1995.
- CULIOLI, A. *Notes du séminaire de DEA 1983-1984*. Paris: Université Paris 7, Département de Recherches Linguistiques, Poitiers, 1985.
- CULIOLI, A. Les modalités d’expression de la temporalité sont-elles révélatrices de spécificités culturelles. *Interfaces*, Paris: Le Temps, CRDP, n. 5, 1993.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l’énonciation. Formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999. Tome 2.
- CULIOLI, A. *Variations sur la linguistique*. Entretiens avec Frédéric Fau. Paris: Klincksieck, 2002.
- FREUD, S. Du sens opposé dans les mots primitifs. *Essais de psychanalyse appliquée*. Paris: Idées/Gallimard, 1973. p. 59-67.
- FREUD, S. L’intérêt de la psychanalyse. *Résultats, idées, problèmes I*. Paris: PUF, 1984. [1913].
- Grand Larousse de la langue française*. Paris: Librairie Larousse, 1971.
- LACAN, J. Le séminaire sur “La Lettre volée”. *Écrits I*. Paris: Points Seuil, 1966.
- LACAN, J. Radiophonie (1970). *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001. p. 403-447.
- MILNER, J.-C. Sens opposés et noms indiscernables: K. Abel comme refoulé d’ E. Benveniste. *Le périple structural*. Paris: Seuil, 2002. p. 65-85.
- Pascal Quignard le solitaire*. Pascal Quignard: rencontre avec Chantal Lapeyre-Demaison. Paris: Le Flohic éditeur, 2001.

Université de Paris XII – Val-de-Marne
61, avenue du Général De Gaulle
94010 – Créteil – França

Recebido: 14-03-08

Aprovado: 04-12-08

³³ Discurso citado no jornal *Le Monde*, 1 abr. 2005, sexta-feira, em um artigo de Jean-Baptiste de Montvalon.

³⁴ Op. cit., p. 137, souligné par nous.

